## **AÇÃO FLUÍDICA DO PERDÃO**

**P**ela graça infinita de Deus, paz! Balthazar, pela graça de Deus.  
**A**o falarmos de perdão, não nos esqueçamos de que emitimos uma sobrecarga mental e fluídica todas as vezes que agimos contra alguém. Ao criarmos uma atmosfera de ódio, de extensas reclamações, de observações inoportunas, até mesmo desagradáveis, agimos não somente de um ponto de vista moral e mental, mas também fluídico, envolvendo as criaturas nas vibrações que enviamos a partir dos nossos sentimentos.  
**Q**uando Jesus recomendou o perdão das ofensas, ele quis nos ensinar que, ao perdoar, a criatura se deixa preparar por Deus para enfrentar os fluidos negativos que tentam envolvê-la. — Sabe-se que a luz dissolve as trevas.  
**A**ssim, quem ama, perdoa, e tem pensamentos positivos, elevados, cria a própria atmosfera de tranquilidade e, ao mesmo tempo, de força capaz de dissolver energias negativas que lhe estejam ao redor.  
**I**gualmente, quando nos dispomos a perdoar alguém, quando deixamos de alimentar o pensamento negativo contra alguém, deixamos de enviar uma força maléfica. Nesse momento, ao dizer: “perdoo”, passamos a deixar de conduzir fluidos contrários ao próximo.  
**P**or isso, com a lição de hoje, quando estamos aprendendo o perdão das ofensas, vamos entender que, ou perdoando no sentido de não nos deixarmos envolver, ou perdoando no sentido de doarmos um sentimento de amor ao próximo, estaremos criando uma atmosfera benéfica em torno de nós.  
**O** estudo das energias irradiantes, o estudo dos fluidos, do mecanismo do magnetismo ajudarão a todos a pensar e discernir sobre o perdão das ofensas de um ponto de vista moral e fluídico.  
**Q**ue Deus a todos nós ajude a compreender, a perdoar e a agir corretamente no bem!  
**M**uita paz, meus irmãos! Que Deus nos ajude a todos! Paz!

***Balthazar*** Do livro: ***Pela Graça Infinita de Deus***, vol. 1. CELD Psicografia: ***Altivo C. Pamphiro***

## **O PERDÃO DAS OFENSAS**

**15**. Perdoar aos seus inimigos é pedir perdão para si mesmo; perdoar aos seus amigos é lhes dar uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que se está melhor. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porque se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor, mesmo para uma leve ofensa, como podeis querer que Deus esqueça de que cada dia tendes mais necessidade de indulgência? Oh! Infeliz aquele que diz: “Eu nunca perdoarei,” pois que pronuncia a sua própria condenação. Aliás, quem sabe se, analisando a vós mesmos, não vereis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma insignificância e termina por um rompimento, não fostes vós que desferistes o primeiro golpe? Se uma palavra ofensiva não escapou de vós? Se usastes de toda a moderação necessária? Sem dúvida o vosso adversário errou ao se mostrar tão suscetível, mas essa é mais uma razão para serdes indulgente e para que ele não mereça a reprovação que vós lhe dirigis. Admitamos que tenhais realmente sido ofendidos numa determinada circunstância. Quem pode afirmar que não envenenastes o fato por represália, e que não fizestes degenerar em grave aborrecimento o que poderia facilmente ter caído no esquecimento? Se dependia de vós impedir as consequências e não o fizestes, sois culpado. Admitamos, finalmente, que não tendes, em absoluto, nenhuma reprovação para fazer a vós mesmos, então, maior será o vosso mérito se vos mostrardes clemente.

**H**á, porém, duas maneiras bem distintas de se perdoar: o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas falam, referindo-se ao seu adversário: “Eu o perdoo,” enquanto interiormente experimentam um secreto prazer pelo mal que lhe possa acontecer, dizendo para si mesmos que ele só tem o que merece. Quantos também dizem: “Eu perdoo” e acrescentam: “Mas jamais me reconciliarei; não quero revê-lo mais em minha vida”. Esse é o perdão segundo o Evangelho? É claro que não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que tudo esquece, lançando um véu sobre o passado; esse é o único tipo de perdão que será considerado, porquanto Deus não se contenta com as aparências, ele sonda o fundo do coração e os mais secretos pensamentos; ninguém se impõe a ele com palavras e simples fingimentos. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é próprio das grandes almas; o rancor sempre é um sinal de baixeza e de inferioridade. Não vos esqueçais de que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras. (*Paulo, apóstolo. Lyon, 1861.*)